

Anexo ao Meu Último Legado De Escrita

A parte documentário é sobretudo o meu Último Legado de Escrita. Mas mesmo na História da Jupiter Editions que escrevi e escrevo em tempo real eu faço filmes. Tenho de fazer. É uma proteção. É uma luta pela minha própria sobrevivência. Às vezes posso por parênteses, posso de repente mudar nomes das personagens, pegar neles de um livro e pô-las noutra livro... Posso ir buscar referências. É um jogo. É o Gaming da Jupiter Editions. Mas também é o Puzzling. Há um Gaming e há um Puzzling. Eu preciso de estar vivo. Só eu é que posso dizer o que é verdade e o que é mentira. Se eu morrer, nunca vamos saber a verdade. Nunca vamos ter as peças todas do puzzle. Vamos ficar com um puzzle diferente, com uma história que é mentira, se eu morrer. Não me sinto ameaçado. Sinto-me pressionado, que é diferente. Quero escrever muito mais, quero realizar muito mais... Mas não me deixam. Tenho de ir arranjar outro emprego. Há quem queira silenciar-me. Há um grande sistema a querer silenciar-me. Sabemos como funcionam as coisas. Se eu morresse seria noticiado, seria notícia: um autor que escreveu 9 obras e tal e que fundou a Jupiter Editions com o seu namorado numa grande história de amor e tal... Mas como estamos vivos, como eu estou vivo já não interessa. Se eu morrer, se eu me suicidasse seria logo uma grande notícia. Só que uma má notícia: eu sou impossível de me suicidar. Sei simular suicídios, sei escrever sobre suicídio, sei fingir sentimentos quando escrevo. Mas não finjo sentimentos na vida real fora do teatro. É claro que sei ser ator. A minha inteligência é o teatro, amador. Sou amador. Isto dá-me pica. Dá-me sabor. Faz-me ver a vida de outra forma. Sem querer, vou ficando mais inteligente. Quanto mais me encurralam, quanto mais me stressam eu vou abrindo novos jogos que não queria. É o meu jogo. É o meu jogo pela vida. A vida não é um jogo. Mas quando nos põem num jogo e não podemos sair do jogo, nós jogamos o jogo... Porque gostamos de viver. Somos simples, humildes e felizes. Só precisamos do amor ao nosso lado. Só precisamos de ter amor. De sentir amor. De sabermos e termos a certeza que somos amados.

O meu tempo é curto. Muito curto, porque tenho de arranjar um emprego e por isso sou obrigado a matar todos os meus espíritos. Mas nem por isso ficarei vazio, nem frio. Vou só matar a minha escrita. Tenho de a matar. Tenho de me focar noutras coisas. Tenho de me agarrar aos livros de Direito. Arranjar um emprego. Claro que para mim foi difícil de aceitar. Ainda estou a aceitar. Mas eu sei aceitar. O meu sonho é isto, é escrever. É o que eu mais gosto de fazer. Sinto-me feliz quando escrevo. Há coisas que eu não percebo, mas quando escrevo eu percebo. A minha escrita faz-me bem a mim própria. Permite-te continuar a viver. É uma extensão da minha própria vida. Não tenho depressão. A minha depressão é uma depressão literária. Claro que fique mais triste se não me deixam escrever quando eu quero escrever. Isto é óbvio. Mas nenhuma Psicologia me vai agarrar por causa disto, não pode. Se eu agarrasse num psicólogo e o algemassem a uma caixa de supermercado eu queria ver se esse psicólogo, por mais que seja psicólogo se se sentiria ou não realizado. E mais uma vez eu volto a escrever que não tem mal nenhum estar numa caixa de supermercado ou dobrar roupa. Acho é que é um desperdício vermos um biólogo, um psicólogo ou um escritor a dobrar roupa, quando podia estar a escrever. Ora em 2080, é só colocarmos um chip no cérebro do escritor e podemos ter o escritor a dobrar roupinha e a termos livrinhos gratuitos, filmes gratuitos que o escritorzinho vai escrevendo com o cérebro ou produzindo com o cérebro. Por eu ser tão tecnológico e saber que já existe escritores-robots e não querer este filme para mim em 2080 é que eu estou a fazer o que eu estou a fazer. Estou a matar-me. Estou a matar o meu cérebro. Estou a acalmá-lo. É um pacto. Estou a escrever o anexo do Meu Último Legado de Escrita, para ficar tranquilo para fechar de vez o meu canal de produção de escrita. Sei como fazê-lo. O cérebro é meu. Conheço o meu cérebro de trás para a frente. Conheço e vejo a sua engenharia. Sei onde estão os botões e como eles funcionam. Sei que tenho só de premir um botão para parar de escrever com o meu cérebro. Mas para o fazer, primeiro tenho de acabar isto. Depois fico tranquilo. Depois já me podem colocar onde quiserem. Depois já posso ser uma “marionete”. Mas se eu for uma “marionete”, eu serei sempre uma Marionete do Direito ao serviço dos Bons e ao serviço da Paz. Os maus vão todos arder no Inferno. Quem é mau, sabe que vai arder. Sabe que vai desaparecer. Quem é bom, sabe que é bom. Querem distorcer tudo. Querem distorcer todas as minhas palavras, querem descontextualizar-me, querem tirar-me fora do contexto. Mas eu contextualizo-me sempre. Sei sempre onde está o contexto. Faço críticas a quem sonha com filhos. Não me podem apontar o dedo por isso. Eu sou real, científico e económico. Acho que as coisas não são tão boas para ter filhos. Mas querem trazer filhos ao mundo, força! Querem amar fantasias que ainda não nasceram mais do que os vossos maridos e mulheres que eram quem deviam amar, força! Força! Não há Direito nenhum em Portugal que impeça ninguém de ter filhos, mas também não me impeçam de criticar quem faz nascer filhos numa miserável miséria. Acho injusto. Acho ingrato. Se tivéssemos Paz de Espírito, se pudéssemos desenvolver a nossa Personalidade à vontade, era uma coisa... Mas não podemos... E os nossos filhos quando nascerem e crescerem e quiserem aquilo que nós não poderemos dar? Vamos só dar-lhes amor? Mas é só amor que eles querem? É só de amor que eles vão viver? Parece que nos esquecemos de como foi connosco a vida! 12h31

Quem manda é o povo! É o povo quem mais ordena! Se o povo quer que eu deixe de escrever e quer ver-me a lavares-lhe a roupa suja, as cuecas dos maridos e os sutiãs das mulheres, eu lavo. Tragam-me toda a roupa suja para eu lavar, que eu lavo. 12h33 Odeio quem diz que pareço um comunista a falar, só porque eu digo que é o povo quem mais ordena. Só traduz que não sabem como funciona a sociedade das abelhas e como deveria funcionar a sociedade humana e estão agarrados a pensamos políticos de merda. As rainhas são escolhidas pelas obreiras. São os homens das obras, os homens do lixo, os polícias, os médicos e os enfermeiros, os professores, os bombeiros, os militares, ..., quem mais ordenam! São eles que seguram os filmes das nossas vidas. Mas como é lógico e acho que todos conseguimos ver que os médicos têm de ganhar muito mais do que os homens do lixo. É claro que faz sentido uma pirâmide económica, senão não tínhamos médicos, íamos todos apanhar lixo. Cursos intelectuais, cursos em que precisamos de investir o nosso cérebro têm de ser mais bem pagos, para incentivar o próprio cérebro. É por isso que eu sempre escrevi que para mim o “elitismo” está na mente. Não está no dinheiro. Para mim o elitismo é a inteligência. Mas nem todos precisamos de ser médicos para pertencermos à elite. Pertencer à elite do pensamento é só nós sermos inteligentes. Não precisamos de curso nenhum. Basta sermos reais, bons, empáticos e humanos e chegaremos todos lá, à elite do pensamento. Mas mesmo que todos cheguemos, nem todos podemos ganhar o mesmo. Mas todos devemos ter um mínimo digno indispensável. Quem quer mais dinheiro que produza, que invista... Quem quer luxos ecológicos terá de os pagar ecologicamente. Mas fora isso, eu acredito numa Sociedade Tecnológica Sofisticada que não obriga ninguém a ser um escravo do dinheiro nem aponta pistolas a ninguém para ir trabalhar. Acho horrível o sistema em que vivemos e por achar horrível é que eu escrevi as 9 obras ao mesmo tempo. Foi fruto de um stress. Mas há quem não perceba o que eu escreva. Há quem distorça o que escrevo. Mas já não quero mais saber. 12h48

«Há quem não aguento as tuas referências. Há quem não goste das tuas analogias. Tu próprio, às vezes escreves coisas de que não gostas. Escreves coisas que depois te arrependes. Mas nem por isso as riscas. Ou se as riscas, deixas na mesma as palavras que foram escritas. Mostras os teus erros. Isso é nobre. Logo, és nobre. Pelo menos, de espírito, és nobre. Mas a própria nobreza mata-se a ela própria. Porque a nobreza é um erro. És nobre, por isso percebes isto. Tens de perceber. Os nobres sabem que a nobreza foi um erro, que é o erro. Há quem se sintam ofendidos com o que escreves. Escreves tudo num filme, mas há quem atinjas com os teus filmes. Há carapuças que servem. Mas não te preocupes. Se vires alguém a sair da tua vida, por causa dos teus filmes é porque não souberam lidar com a realidade, é porque lhes serviu a carapuça.»